

De carona na imaginação das crianças: o processo de construção de um ônibus coletivo

**Carla do Rosário
Giovana Ranucci Ramos**

O presente relatório tem o propósito de compartilhar as vivências, registros e reflexões realizados durante o período de estágio supervisionado em Educação Infantil, do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina, no ano de 2010, ocorrido no cotidiano de uma instituição de educação infantil, a saber: Creche Anjo da Guarda, situada no bairro da Trindade, em Florianópolis.

A partir dos registros e observações realizadas nos primeiros contatos com as crianças e adultos da creche, nós, além das cinco duplas de estagiárias e estagiário junto às professoras supervisoras, elaboramos um plano de intervenção pautado na função simbólica das múltiplas linguagens, escolhida como nosso eixo aglutinador.

Em consonância com a proposta do estágio de promoção de uma parceria com o grupo de profissionais e crianças da creche, estivemos presentes na atuação em um grupo G2/G3, contemplando as suas particularidades, necessidades e interesses. O número de crianças matriculadas nesse grupo era o de quinze, sendo oito meninos e sete meninas. O grupo observado compreende a faixa etária de dois até três anos.

Além disso, propusemos paralelamente no grande grupo o desenvolvimento de um projeto coletivo a ser realizado semanalmente por cada dupla. O objetivo nesta etapa seria o de que fosse conferida além de certa unidade para a intervenção realizada na creche com exaltação do espírito do trabalho coletivo, algo que fosse acima de tudo significativo para as crianças e que tivesse como foco sua efetiva participação e autoria. A intenção do mesmo seria valorizar o momento de interação entre os grupos, de faixas etárias diferentes, proporcionando momento de trocas e crescimento que não eram tão comuns durante o processo de observação participativa na creche.

Concomitantemente ao projeto coletivo estivemos presentes na atuação em um grupo G2/G3, contemplando as suas particularidades e necessidades bem como os acolhendo dentro do projeto.



Confecção de “Palitoches”



Brincando de ônibus.

Devemos nos libertar da idéia assistencialista que a creche carrega ainda hoje por uma série de acontecimentos históricos referentes ao início da educação infantil no Brasil. A instituição não pode ter o sentimento de papel cumprindo realizando de forma automática as trocas e alimentando a criança. As relações que se dão na creche devem ser mais ricas no sentido de serem pedagogicamente refletidas em todos os momentos. É necessário um constante exercício do olhar a fim de perceber as especificidades e habilidades para compreendê-las em sua condição de criança.

O momento de aproximação é um passo importante para o decorrer da caminhada no estágio, a relação entre as crianças e os adultos que estão chegando naquele espaço, é o que dá início a construção de um sentimento de segurança fundamental a partir do instante que viemos com a intenção de intervir. As duas semanas de observação na creche foram essenciais para que tivéssemos esse contato saudável com as crianças, para que pudéssemos cada vez mais conhecê-las, desvendando os seus interesses e necessidades, a partir desse momento sentimo-nos confiantes para sistematizar o projeto.

Chegamos à creche focando nosso olhar nas crianças percebendo-as como sujeitos reais ao qual nosso trabalho e estudo são dedicados, a fim de observar quais eram os tópicos de interesses entre elas, e de que forma poderíamos ampliar seus repertórios de conhecimentos, priorizando o eixo das linguagens. Assim foi possível estabelecer uma troca de informações entre as nossas expectativas e planejamentos com as diversas linguagens as quais elas se comunicam e demonstram seus interesses.

Por ser nosso primeiro contato com as crianças da creche, tivemos a oportunidade de fazer uma observação reflexiva sobre a organização do tempo e espaço da creche, atentas a situações focadas nas interações entre os diversos sujeitos que compõe a realidade desta instituição e, sobretudo de olho nas manifestações expressivas das crianças. Ao buscarmos exercitar um olhar sutil e interessado nas crianças registramos situações que mais tarde culminaram na construção do projeto com as crianças. Esse ponto se manifesta no trecho do relatório no 4º dia de observação:

Outra diversão das crianças é ver o ônibus passar pela rua, todas pararam de brincar e foram olhar o percurso que ele faz, desde o momento em que ele sobe até a sua descida, as crianças correm de um canto pro outro para não perder nenhuma manobra do ônibus. A professora fala: “Tchau ônibus”, e as crianças repetem: tchau. Algumas outras se desafiam a falar ônibus: “Tchau, ônbudu.

(Relatório de observação – 07/04)

Como no início da observação tivemos a oportunidade de observar outro grupo da creche, compreendemos que o interesse e interação com o ônibus de transporte urbano era recorrente em mais de um grupo. Nos nossos encontros do grupo de estágio na universidade, apareceu o mesmo comentário em relação ao ônibus em outras duplas, o que reafirmou a suspeita de que esse tema era realmente significativo para grande parte das crianças da instituição. Desde o início tivemos a preocupação de levantar questões culturais e sociais acerca da comunidade, ou seja, as pessoas que nela residem e a creche que interviríamos, e dessa forma nossa atuação rumava estabelecer uma parceria de trocas de conhecimento e experiências, que contribuíssem igualmente para a nossa inserção na instituição e na relação com as crianças.

A partir de uma reflexão sobre o período de observação participativa, além da atuação nos pequenos grupos decidimos também utilizar a Pedagogia do Projeto como uma das estratégias norteadoras para a edificação de um planejamento coletivo que abrangesse a riqueza de situações que contemplamos na creche Anjo da Guarda. A intenção consistiu em propor um projeto coletivo que ampliasse e diversificasse as possibilidades de encaminhamentos, contemplando o eixo da linguagem indicada como ponto comum para as duplas participantes.

No nosso caso, considerando as discussões realizadas e as peculiaridades dos grupos que fazem parte da creche, sugerimos um projeto de interesse comum que envolvesse as crianças de diferentes faixas etárias. A proposta foi confeccionar uma representação do ônibus de transporte urbano, para enriquecer a área de lazer localizada

na laje que possui pouca diversidade de atrativos (área verde, brinquedos, areia), onde as crianças pudessem interagir com um novo brinquedo, como possibilidade de se reconhecerem nele e participarem da confecção.

O ônibus foi feito de uma estrutura de papelão com aproximadamente três metros de comprimento, e revestido com papel craft e grude (massa feita de farinha de trigo e água), o papel de revestimento também utilizado foi de revista e jornal. Os bancos constituíram-se de caixas preenchidas de jornal amassado e garrafas pet para dar sustentação. O material utilizado para a construção do ônibus foi pego em supermercados e doações feitas pelos outros estagiários.

A definição dos objetivos, assuntos e práticas realizadas foram pensadas revendo o relatório de observação, refletindo a partir do que vivenciamos na creche. Destacamos a importância das crianças serem os protagonistas para o trabalho pedagógico, pois são capazes de se expressarem por múltiplas linguagens, demonstrando que são conscientes de suas condições. A partir dos momentos que os interesses são revelados pelas crianças e os adultos têm a sensibilidade de percebê-los, o planejamento se torna mais consistente para o grupo específico e é aceito positivamente pelas mesmas, pois elas reconhecerão suas contribuições para o percurso do projeto.

[...] cujo objeto de preocupação é a própria criança: seus processos de constituição como seres humanos em diferentes contextos sociais, suas culturas, suas capacidades intelectuais, criativas, estéticas, expressivas e emocionais. (Cerisara, 2002).

Não podemos desconsiderar que as crianças são constituídas por uma série de condições que os tornam reais e únicos, são elas condições sociais, econômicas e culturais, das quais fazem parte. Nesse sentido, é preciso considerar essas diferentes realidades ao nos relacionarmos com as mesmas, utilizando da “sutileza” na percepção de cada menino e menina.

O interesse pelo tema já era explícito nas ações e brincadeiras das crianças, a partir disso o desafio foi encantar as mesmas para a construção do novo brinquedo. Esse processo foi se concretizando ao trazermos materiais que introduzissem a temática do projeto, como por exemplo, histórias, músicas, palitoches entre outros.

Ao mesmo tempo em que possibilitamos as crianças mexerem com colagem, organizamos uma brincadeira que consistia em desenhar uma pista no chão com giz de quadro, para eles correrem, dramatizarem os carros e ensaiarem sons com apitos trazidos pelas estagiarias, ou sem. As crianças no parque gostaram da proposição se reuniram ao redor da pista enquanto estava sendo feita, e perguntaram “O que é isso?”“, “É uma cobra?“, conforme as curiosidades foram sendo esclarecidas, as crianças se nomeavam motoristas,

carros assumindo papéis sociais e objetos. Na brincadeira foi proposto imitar sons, correr, andar, e as crianças brincaram. Todos os grupos participaram, alguns na pista outros no ônibus passando cola. Compreende-se que intervir nesse momento de “liberdade” das crianças não é bloquear a criatividade, os desejos e as vontades delas, mas sim ampliar e contribuir com conhecimentos e momentos lúdicos de prazer e satisfação.

(Relatório de atuação – 26/05)



Brincadeira da “pista” e interagindo com os materiais.



“Papietagem”.

Logo que as vivências vão sendo edificadas dentro do espaço educacional, o grupo vai construindo uma identidade própria, e assim o cotidiano proposto pela professora ou pelo professor deve ser pensando em experiências que façam sentido para aqueles e aquelas protagonistas. Os momentos devem ser planejados para propiciar interações intencionadas e não reproduzidas automaticamente no âmbito da improvisação, pois essa prática desconsidera os participantes e não evidencia uma relação de respeito com as crianças.

O planejamento é um documento particular de cada professor, pois é nele que estarão sistematizados as situações para um determinado tempo, tendo que ser funcional

nas mãos do educador e refletido nas relações com as crianças. Ostetto diz que “[...] a elaboração de um planejamento depende da visão de mundo, de criança, de educação, de processo educativo que temos e que queremos [...]”. A professora regente em suas atitudes de estar promovendo algo que fosse de interesse das crianças mostrou ter um planejamento flexível, e pautado na aceitação das crianças sobre as proposições que ela faz com os mesmos.

Em seguida a professora regente fez a brincadeira do saco surpresa, ela escondeu um objeto dentro de um saco e pediu para que as crianças tentassem descobrir o que era apenas apalpando. Disse ela: “Quero ver se vocês adivinham o que tem aqui dentro...” Evely respondeu que tinha um bichinho. Da mesma maneira o saco passou por todas as mãos. Quando o saco parou na estagiária Carla ela falou: “- Eu não sei o que é, mas tem uma perninha”, apontando para a sua própria perna. Nesse momento a Evely, tocou as suas próprias pernas e a professora completou: “É você também tem pernas, não é Evely?” Quando a professora tirou o brinquedo de dentro perguntou para o grupo o que era, a Evely disse ser um cachorro, mas a professora corrigiu dizendo que era uma ovelha, as crianças continuaram a dizer e expressar por meio de sons que aquilo era um cachorro. A Lucilene lembrou as partes do corpo da ovelha como: patas, bocas, olhos. A Professora perguntou: “E qual é o barulho que a ovelha faz? A maioria das crianças responderam: Méééé.

(Relatório de observação – 06/04)

O planejamento é um instrumento essencial para a construção do conhecimento, mas um professor não pode ficar refém do tempo de duração de cada atividade proposta, pelo contrário, seu compromisso está em avaliar que ponto determinado a situação está sendo significativo para as crianças ou não, somando isso, o cuidado de propiciar alternativas que atendam aquelas que buscam por novas demandas. Durante o tempo de intervenção percebemos a importância do planejamento flexível em diversas situações, como relatamos a seguir:

O planejamento contemplava dar continuidade ao projeto do ônibus com as crianças, pois devido a chuva e às assembléias municipais se encontrava parado. Essa semana não foi diferente, chegando à creche nosso primeiro compromisso era uma reunião com a orientadora para discutir o andamento das intervenções e planejar a estrutura temática do relatório. Durante essa conversa fomos abordadas pela auxiliar de ensino, que perguntou se iríamos para a sala, pois a professora estava sozinha. “Espantadas novamente por não ter conhecimento prévio da situação, e assim o planejamento também não se encaixava, tivemos que replanejar a dinâmica do dia de maneira a dar continuidade ao projeto, e atender as necessidades da professora.”

(Relatório de atuação – 18/05)

A pedagogia vai além da materialização do produto, ela se constrói nas interações e relações pensadas constantemente numa perspectiva erguida por detalhes, que podem passar despercebidos aos olhos de quem vê, mas que superam as características da sociedade moderna que apenas vê, e que não se esforça para enxergar o outro e as suas particularidades. Durante o tempo de atuação na creche e confecção do

ônibus, houve diversos imprevistos que exigiram que o planejamento do ônibus fosse estendido por mais dias do que o previsto anteriormente. A falta de um espaço coberto e as condições climáticas foram fatores que demandaram a reorganização do planejamento, entendendo que o significado essencial do projeto era o processo de construção e interação com as crianças. As situações significativas propostas possibilitaram as crianças experimentar materiais diversos e interagiram com o brinquedo que estava sendo construído, propondo idéias e modificações de acordo com as suas expectativas. O processo iniciou com a montagem da estrutura do ônibus, seguido pela “papietagem” e por último a pintura. Todas as etapas foram construídas com a ajuda e participação intensiva das crianças. As conversas a seguir descrevem vivências de estágio que presenciamos, exemplificando o envolvimento das crianças durante esse processo.



Montagem da estrutura do ônibus.



As crianças “papietando”.



Pintura.

Conversa 1:

1. A gente tá fazendo! Vai sair da minha mão, vai sair? (insegurança em relação ao grude)

2. Vai sair sim!

1. Essa cola gruda ni mim!

2. Gruda né? Por isso que ela chama grude, porque gruda mesmo!

1. Então eu vou lavar a minha mão quando eu chegar em casa.

2. Você pode lavar aqui na creche se quiser, não precisa chegar esperar chegar em casa, já vai chegar limpinho em casa.

1. Sujo não né?

2. A mamãe vai querer um abraço sujo?

1. Quer!

Conversa 2:

3. Vai ter um volante ali atrás?

2. Onde é que fica o volante, na frente ou atrás?

Todos: Na frente!

2. E o motorista?

Todos: Na frente!

Legenda: 1 e 3 : crianças 2: estagiárias

(Registro de atuação- dia 20/05)

Nessa perspectiva é preciso ocorrer um trabalho pedagógico recíproco entre crianças e adultos, como forma de evitar que poderes (como uma possível autoridade do adulto sobre as crianças) constituídos como herança de tempos passados e que permanecem atualmente se sobreponham aos direitos da infância, esses conquistados e defendidos na contemporaneidade pelo movimento feminista, dos pesquisadores, e profissionais da área.

É sabido que as crianças foram e ainda são em algumas situações reconhecidas historicamente como um “vir a ser” uma “tabula rasa”, que necessitam ser moldadas e adaptadas numa sociedade. Diante dessa realidade nosso esforço foi o de redirecionar o olhar, ou ainda como propõe Cerisara, “estranhar o familiar” inspirada no fazer antropológico, a fim de facilitar o diálogo e dar voz ativa para as crianças. Para Cerisara (2002) “Esse outro olhar que estamos nos propondo construir exige a compreensão de que as crianças à sua moda compreendem o mundo que as cerca”. (p. 02)

Na Educação Infantil é recorrente a valorização de manifestações artísticas que não priorizam ou pouco qualificam a criação das crianças. Por essas razões é comum encontrarmos muitos trabalhos feitos por adultos. Ainda que sejam trabalhos que demonstram um cuidado na escolha dos materiais, uma dedicação na elaboração dos artigos decorativos é visível a pouca ou nenhuma participação das crianças nesse processo de criação.

Consideramos fundamental retomar, ou melhor, dar visibilidade às criações das crianças na confecção do ônibus. O planejamento pode propor situações significativas que possibilitem que a própria criança estabeleça relações com as propostas mediadas pelas professoras tornando-se participativo no processo, gozando da oportunidade de explorar objetos e fazer suas próprias descobertas. Essas descobertas podem acontecer com auxílio de uma gama diversificada de materiais presentes na creche, diferentes cores, cheiros, texturas além de objetos que não são característicos do âmbito educacional, mas que podem ampliar as experiências e vivências de todos integrantes do grupo, sejam eles crianças e adultos. Essas manifestações se evidenciaram na papietagem e pintura do ônibus, onde as crianças puderam experimentar e manusear o grude, rasgar papel em diferentes tamanhos e formas, misturar cores entre outros.



Rasgando o papel e manuseando o grude.



Experimentando novas texturas.



Explorando a estrutura do ônibus.

A prática de planejar revela o comprometimento, cuidado e respeito aos processos de desenvolvimento das crianças considerando suas trajetórias individuais, de modo a favorecer a ampliação e diversificação das vivências e a construção de novos conhecimentos. Segundo Corsaro (2002), as crianças contribuem ativamente na construção social e na reprodução interpretativa das culturas, atribuindo significados aos hábitos e valores que as cercam. As crianças se apropriam dos conhecimentos disponíveis e reelaboram por meio das brincadeiras, imaginação e da interação entre os grupos infantis, que se denotam culturas de pares.

Ao serem convidadas para a inauguração do ônibus, o grupo G6, veio explorá-lo. Nas brincadeiras ficou constante o papel social do vendedor, motorista e cobrador. Ao traduzir a realidade social, uma criança utilizou-se de peças de um jogo como cartão de passe (ticket de transporte urbano) e vendia para os colegas em troca de mini dinheiro (jogo da brinquedoteca.) e assim por diante, no faz-de-conta cada um exercendo sua função.

(Relatório de atuação – 02/06)

As crianças nascem pertencendo há um contexto sociocultural, e, portanto possuem indicações para o seu processo de socialização, não sendo completamente independente. “Isso significa considerar que elas têm uma autonomia que é relativa, ou seja, as respostas e reações, os jogos sociodramáticos, as brincadeiras e as interpretações da realidade são também produtos das interações com adultos e crianças. (PINTO & SARMENTO, 1997)

O sujeito age e modifica o ambiente, tal interação sugere uma troca dinâmica de experiências sócio-culturais que modificam ambos. Apoiada nisso, a interação não é

uma via de mão única, tanto os sujeitos como o ambiente se influenciam e se modificam. Com efeito, nessas concepções a cultura infantil na creche, deve-se compreender a forma como a criança constrói o seu entorno, como ela cria cultura a partir das coisas, brinca e fantasia, construindo a sua singularidade.

As crianças fazem associações e entrecruzam informações que do ponto de vista de um adulto são aparentemente sem ligação. Criam uma singularidade, libertando-se do universo adulto, que exige utilidades das coisas. Desta forma, a criança faz conexões entre os sentimentos e as coisas, representando situações vividas, emoções sentidas, e assim exercitam a memória e a criatividade. Segundo Corsaro (2002), “As crianças apropriam-se criativamente da informação do mundo adulto para produzir a sua própria cultura de pares”.

Enquanto algumas crianças ajudavam na confecção do ônibus, outras já brincavam e o aproveitavam como brinquedo. Um menino entrou no mesmo, sentou-se e imaginando segurar um volante fazia gestos circulares e ensaiava alguns sons do barulho do ônibus – Brrrrrrrrrrrrrrum

(Relatório de Atuação – 04/05)

A sociedade vem modificando seus modos de produção, mercado de trabalho que influenciam diretamente a estrutura familiar e em consequência disso as instituições educacionais também vivem essas transformações. É importante que a creche, como um importante ambiente de socialização a qual a criança tem acesso, esteja caminhando concomitantemente com ela. Este é um lugar de encontros e confrontos, e intercâmbios entre crianças, lugar de interações, sentimentos, idéias, crenças e por receber culturas diferentes, com especificidades e particularidades, promove trocas de saberes também diferenciados. A educação infantil, nessa perspectiva serve para trazer para as crianças novos desafios que podem gerar transformações significativas, e por fim, uma compreensão mais ampla, interessada nas possibilidades de vida para que elas reconheçam e compreendam a sociedade em que vivem.

Quando vimos o ônibus subir, nem precisamos falar que todas já estavam na grade observando o mesmo fazer a volta. O menino que estava nos ajudando a fazer o ônibus, ao ver o verdadeiro passar, perguntou: Cadê o teto do nosso ônibus?”

(Relatório de Atuação – 25/05)

Para que a relação professor-criança aconteça em sua plenitude, é necessário um olhar para as características específicas de cada pequeno e pequena. No nosso

entendimento o desígnio da creche é desenvolver a educação integral de seus integrantes, abrangendo as diversas dimensões que compõem a criança e respeitando as habilidades individuais. A criança tem que se sentir confortável para participar, ativamente e dinamicamente, para ampliar suas experiências.

Ao reconhecer às crianças como sujeitos criativos e entendendo-os como sujeitos capazes de experimentar, interpretar e modificar o mundo em que vivem, surge à necessidade de proporcionar na creche um espaço que possibilite interações, que seja acolhedor e que reconsidere os direitos das crianças, essa nova postura exige mudanças conceituais que se traduzem nas práticas educacionais que não priorizam um olhar direcionado aos meninos e às meninas.

Conversa 3.

2. Quem já andou de ônibus?

1. Eu já!

2. Para onde você foi? Alguém já foi para a praia de ônibus?

1. Eu já!

3. Eu fui de biquíni.

4. Eu fui com o carro do meu sio (tio)!

5. Ela sempre diz sio, professora.

Legenda: 1, 3, 4 e 5 : crianças 2: estagiárias

(Relatório de Atuação – 20/05)

Rosa Batista (2003) nos incentiva a refletir sobre uma rotina homogênea na educação infantil, indicando algumas possibilidades de ação que possam superar essa ordem adultocêntrica. Dentre essas indicações podemos sinalizar que a partir do momento que temos a clareza que estamos lidando com indivíduos com inúmeras especificidades devemos indagar acerca da dita “temporalidade institucional”, onde todos têm que comer, dormir, fazer atividades, brincar, ouvir histórias em determinada hora e com o tempo de duração também estipulado. O que vem sendo construído nessa concepção de educação é a precoce preparação para o futuro, para o mundo fragmentado que já vivemos e que ao crescerem as crianças terão de enfrentar.

Cabe ao professor ou à professora se preocupar com as vivências e momentos que estão acontecendo no agora, e para isso ele ou ela tem que estar atentos aos interesses e expectativas de cada uma das crianças e ao mesmo tempo olhando o grupo como um todo. Acima de tudo, é preciso evitar práticas que busquem a ordem, a obediência, dominação controle e a regulação do corpo, que acabam por dificultar o processo emancipatório das crianças.

Após o término da nossa proposta a professora sugeriu que fossemos até a sala de vídeo para ouvirmos o DVD do Toquinho. E as crianças adoraram. Durante o tempo que a auxiliar permaneceu dentro da sala as crianças ficaram todas sentadinhas e quando elas tentavam levantar para dançar elas eram orientadas a ouvir sentadas. Assim que a mesma deixou a sala por um instante, todas as crianças levantaram e começaram a cantar ao som da música. Foi um momento cheio de significados.”

Relatório de Atuação – 20/05



Crianças dançando ao som de Toquinho.

É natural que as vivências se choquem com a rotina e o planejamento, aí que entra a reflexão sobre o planejado e o vivido, e o professor deve procurar manter-se na linha tênue da sensibilidade para motivar as crianças a viverem situações significativas que possam favorecer seu processo de construção de conhecimentos e visões de mundo, para tanto, o cotidiano infantil não pode ser limitado a uma rotina apertada e sem reflexão.

Conclusão

A experiência de estágio proposta pela disciplina Estágio Supervisionado em Educação Infantil II está sendo finalizado no limiar deste texto destacando entrosamento das disciplinas exploradas com os momentos vividos durante o tempo que passamos na creche. Apesar do relatório revelar o fim de um importante ciclo na nossa formação como professoras, estará presente nas nossas reflexões e futuras práticas como profissionais na área educacional.

Durante o período de estágio, exercitamos todas as fases que constituem o processo do trabalho docente, incluindo a observação, planejamento e atuação; essa rica

experiência foi um ensaio para a formação de uma carreira profissional. O que gerou um aprendizado valioso foi estarmos sensíveis aos interesses dos alunos e dispostas a auto avaliar nossa postura como professoras.

Com o projeto do ônibus reiteramos e confirmamos a importância de abordar um tema significativo para as crianças bem como a efetiva participação dos grupos no trabalho proposto pelo professor, gerando assim uma atmosfera de significados e conhecimentos.

Entendemos por fundamental o diálogo entre a instituição infantil e a universidade responsável pela a formação dos alunos que mais tarde possivelmente farão parte de seu corpo docente e ficamos realizadas em poder de maneira sutil contribuir para a formação de sujeitos sociais e ser também, quem sabe com maior intensidade, marcadas por essas crianças.

Gostaríamos de finalizar realçando que um dos propósitos de nosso estágio também era de colaborar com o corpo discente da creche e a partir das compreensões de educação e criança que as mesmas possuem pensar numa proposição que garantisse os direitos da infância considerando as dimensões humanas, culturais, econômicas e espaciais das crianças. Um projeto que registrasse as falas e os jeitos de cada menina e menino que fez parte dessa jornada.



Ônibus finalizado.



Inauguração do ônibus

Referências bibliográficas

BATISTA, Rosa. Cotidiano na Educação Infantil: espaço acolhedor das crianças. In: Anais do 1º Congresso do Fórum de Educação infantil dos municípios da AMREC. Educação Infantil: realidade em construção. Criciúma, 2003, p. 44-58.

CAMPOS, Maria Malta. Critérios para um atendimento em creche que respeite os direitos fundamentais das crianças. 6 ed. Brasília, MEC, SEB, 2009.

CERISARA, Ana beatriz et al. Partilhando olhares sobre as crianças pequenas: reflexões sobre o estágio na educação infantil. Florianópolis 2002, p 1-8.

CORSARO, William A. A reprodução interpretativa no brincar ao “faz-de-conta” das crianças. Educação, Sociedade e Culturas, nº 17, 2002, p 113-134.

FARIA, Ana Lúcia Goulart, PALHARES Marina Silveira. Educação Infantil pós LDB: rumos e desafios – Campinas, SP: Autores Associados – Fe/UNICAMP; São Carlos, SP: Editora da UFSCar; Florianópolis, SC: Editora da UFSC: 1999. – (Coleção polêmicas do nosso tempo; 62)

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Planejamento na educação infantil: mais que a atividade, e criança em foco. Encontros e encantamentos na educação infantil: partilhando experiências de estágios – Campinas, SP: Papyrus, 2002, p 175-199.

SACRISTÁN, José Gimeno. O aluno como invenção. Porto Alegre: Artmed, 2005, p 25-95.

HERNANDEZ, Fernando e VENTURA, Montserrat. A organização do currículo por projetos de trabalho – o conhecimento é um caleidoscópio. Trad. Jussara Haubert Rodrigues. 5ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

HERNANDEZ, Fernando. Os projetos de trabalho: uma forma de organizar os conhecimentos escolares. ARTMED, 1992

LEITE, L. H. A. Pedagogia de projetos: intervenção no presente. Presença Pedagógica. Belo Horizonte, v. 2, n. 8, p. 24-33, mar./abr. 1996.

LEITE, Lúcia Helena Alvarez. Pedagogia de Projetos.
www.cipo.org.br/escolacom sabor